



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
Habitação em Produção em Comunicação e Cultura

GABRIELLE VILAS BOAS NUNES E GUIDO

VESTÍGIOS
A fotografia-expressão de memórias afetivas e familiares

Salvador
2018.2

GABRIELLE VILAS BOAS NUNES E GUIDO

VESTÍGIOS

A fotografia-expressão de memórias afetivas e familiares

Memória do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientação: Prof. Rodrigo Rossoni

Examinador 1: Ravena Sena Maia

Examinador 2: Paulo Coqueiro

Salvador
2018.2

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelas memórias herdadas, pela liberdade criativa e companheirismo único.

Ao meu irmão pela infância compartilhada.

A minha tia Neuzina e avó Maura, pela sabedoria.

A minha tia Neguinha pela coragem de ser piloto de voadeira, pelo carinho e compromisso com o presente trabalho.

A tia Edilia pelo chamego, pela receita e trocas cotidianas mesmo à distância.

A todos os meus tios, tias, primos e primas que me receberam e com suas próprias histórias contribuíram com a construção de Vestígios.

Aos que me antecederam e já não compartilham esta terra, mas estão vivos em minhas memórias.

Aos meus amigos pelo apoio cotidiano, em especial a Geovana Côrtes que compartilhou comigo teorias, experiências e pensamentos fotográficos durante o processo de construção do TCC.

Ao Labfoto e Rodrigo Rossoni pelo incentivo e troca de conhecimento diário.

Resumo

Este trabalho é a memória do fotolivro *Vestígios*, Trabalho de Conclusão de Curso em Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. *Vestígios* usa da fotografia documental contemporânea para tratar de memórias afetivas e familiares, tendo como característica as vivências de diversos estados, lugares, fronteiras e gerações. O fotolivro é uma visita aos lugares de origem da minha família e reconexão com minha própria história.

Palavras chave: fotografia contemporânea, fronteira, território, memória.

Araguaia

*Longas noites, madrugadas
Quanta beleza pra um só lugar
Água limpa a se perder
Não, não volta nunca mais*

Lentamente no abandono

*Um estrela atravessou o céu
Encena um tema de ternura
Um pesadelo da razão*

Meu Araguaia

*Suas areias cobriram meus pés
Seu encanto fez do pranto
Um acalanto pra nós dois*

*E na rede ensimesmado
Sonho sonhos que já estão em mim
Sinto a vida que eu levo aqui
Não esqueço nunca mais*

Marcelo Barra, 1982

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Constelação geográfica de conceitos, Rogério Haesbaert, 2014.
- Figura 2 – Mapa do Brasil antes e depois do surgimento do Tocantins, 2000;
- Figura 3 – Travessia, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 4 – Gordon Parks, Dorothea Lange, Walker Evans, FSA, 1937.
- Figura 5 – Robert Frank, The Americans, 1958.
- Figura 6 – Pedro David, Rota Raiz, 2003.
- Figura 7 – Elza Lima, Trombetas: nas rotas das águas, 1996.
- Figura 8 – Naiara Jinkss, Mercado Ver-o-peso, 2018.
- Figura 9 – Coletivo Trëma, Lagoa da Confusão, 2015.
- Figura 10, 11 e 12 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 13 – Gabrielle Guido, Ninho de tracajá, Vestígios, 2018;
- Figura 14 – Gabrielle Guido, A casa, Vestígios, 2018;
- Figura 15 – Gabrielle Guido, Onça, Vestígios, 2018;
- Figura 16 – Gabrielle Guido, a cozinha, Vestígios, 2018;
- Figura 17 – Pedral, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 18, 19 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 20 – Página do Livro, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 21 – Neuzina, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 22 – Serra Pelada, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 23 – Neuzina, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 24 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.
- Figura 25 – Vic Zacconi, Vestígios, 2018.
- Figura 26 – Páginas do Livro Vestígios, 2018.
- Figura 27 – Capa e fundo do livro Vestígios, 2018.
- Figura 28, 29, 30 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. TERRITÓRIO E MEMÓRIA	9
2. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL	14
2.1. A NARRATIVA.....	20
2.2. VESTÍGIOS	20
3. PRODUTO FINAL	22
3.1 ESCOLHAS NARRATIVAS.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	33
6. ANEXOS	35
6.1. RECEITA PARA ENGRAVIDAR	35
6.2. O PRODUTO IMPRESSO	35

INTRODUÇÃO

Vestígios é um trabalho fotográfico que surge a partir de memórias familiares. Eu nasci no Tocantins, meu irmão em Salvador, meu pai e minha avó paterna no Maranhão, minha mãe em Goiás, minha avó materna em Minas Gerais, meu avô no Piauí. Com essa diversidade cultural e territorial, minha infância foi construída a partir de múltiplos encontros e desencontros, chegadas e partidas, seja pelas constantes idas e vindas de Salvador (BA) para Araguaína (TO), seja pelas histórias, costumes e vivências compartilhadas no meu cotidiano.

O projeto surgiu como uma forma de se conectar para além dos espaços, mas com os lugares que tais territórios ocupam nas minhas memórias. O rio, a balsa, os caminhos, as pedras, as comidas, os aromas, os remédios, a casa, o relevo, a forma de falar, me levaram a revisitar a terra natal de meu pai, de minha mãe e onde eu nasci, como forma de experimentar os modos de vida que fazem parte da minha infância e expressá-los através da fotografia.

Como um álbum de família, Vestígios são as lembranças, os rastros da memória, dos bichos, da divisão do estado de Goiás, da Guerrilha do Araguaia, das fronteiras, do migrar, da cultura popular, do cotidiano da beira dos rios que são os condutores das vivências apresentadas.

É também um mundo mítico, uma realidade própria, imaginada e sentida, é uma conexão com a cultura popular e com a oralidade. Assim, a fotografia documental deste trabalho se distancia do realismo clássico e se aproxima da metonímia, é um pensamento fotográfico que valoriza a polissemia.

Como resultado, o fotolivro constrói sua narrativa a partir das travessias dos rios Tocantins e Araguaia e das estadias nos estados do Maranhão e Tocantins, nas cidades de Carolina, Araguaã e Xambioá, estas últimas na fronteira com o Pará. Lugares esses, que são parte da minha história.

Vestígios é um mergulho afetivo. Durante a construção das imagens, as memórias foram revividas, ressignificadas e aqui ganharam formas e cores. Foi uma oportunidade de, por meio da fotografia, fazer um exercício de autoconhecimento e valorização da minha trajetória. Por isso, este trabalho é um convite para que o leitor conheça a minha, mas se sinta provocado e reviver sua própria história.

1. TERRITÓRIO E MEMÓRIA

Lembro que ainda criança estava na fazenda do meu avô e ouvi conversas que tinha uma onça rodando o lugar. Fiquei confusa, como uma onça podia estar tão perto? Eu que só tinha ouvido falar, estava prestes a ganhar minha própria história com uma onça. Meu pai percebeu o medo que crescia em mim e disse: “Fique tranquila, eu pego a onça pelo chifre e tiro ela daqui”. Pronto, agora eu e todos na fazenda estavam seguros.

Demorei anos para perceber que meu pai não podia concretizar tal façanha, mas naquele momento me senti tão segura a ponto de ficar olhando o chão para ver se percebia os rastros, seja da onça ou de qualquer outro bicho, afinal não tinha motivo para ter medo.

Hoje, minha inocência virou motivo de riso nas conversas de domingo de manhã. Manhãs essas, que se tornaram uma pausa no tempo para conversar, ouvir histórias e assim entender o porquê das coisas serem como são. Cada nome, cada tempo, cada vivência dos meus pais foi e é compartilhada comigo no meu dia a dia e com isso, vejo minha memória ser forjada de acordo com o conceito de Pollak (1992, p.202) “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”.

Ainda segundo o autor a memória é construída a partir de vários fatores, entre eles os acontecimentos, as pessoas e os lugares. As lembranças são marcadas pela interação de meus familiares com os mais diversos lugares, pelas experiências da infância dos meus pais, em peregrinar de terra em terra, da comida diversa, dos ditados e do que é típico de outros tempos, portanto é importante para este trabalho algumas conceituações da geografia, principalmente de lugar e território.

Haesbaert, em seu livro *Viver no Limite* (2014) apresenta uma constelação geográfica de conceitos (Figura 1) que aponta como as definições de território, lugar, paisagem e ambiente estão mergulhadas na categoria do espaço. Essa concepção geográfica sistêmica assume a importância de analisar os conceitos levando em conta o contexto e demais conceitos que se inter-relacionam, sejam estes geográficos, históricos, filosóficos, etc.

Neste sentido, não é possível compreender lugar e território de forma isolada, é necessário entender os conceitos que se relacionam a estes espaços de forma ampla, múltipla e complementar.

Segundo, Haesbaert (2014, p. 35) o espaço geográfico é a categoria mestre, que aparece ligada ao espaço-tempo enquanto conceito filosófico (espacialidade e temporalidade), aqui trata-se da dimensão espacial da sociedade e das transformações da natureza. Ele conecta o território, enquanto espaço de disputa, de poder e tensionamento; o lugar como o espaço

vivido culturalmente, vinculado ao campo das significações; a paisagem como a representação do espaço e o ambiente demarcando as relações da sociedade e natureza.



Figura 1 – Constelação geográfica de conceitos, Rogério Haesbaert, 2014.

Entender o lugar como papel importante nos nossos modos de vida me trouxe a necessidade de retornar os locais de origem da minha família. Isso se conecta diretamente com o processo de autoconhecer-se, de se apropriar da própria história, para assim expressá-la.

Vim morar em Salvador aos dois anos e não sabia qual território eu podia chamar de meu. Com uma teia de culturas e vivências marcadas por viagens, partilhas, encontros e desencontros, eu não achava uma resposta para o que podia ser o meu lugar. Minha mãe que acompanhou as fases dessa crise identitária me apresentou o Sankofa, símbolo ideográfico do povo acãs, da África Ocidental que povoa a região que hoje abrange parte de Gana e da Costa do Marfim. Sankofa nos lembra a importância de olhar o passado para ressignificar o presente e projetar o futuro¹. Essa ideia do Sankofa de alguma forma favoreceu um novo jeito de me relacionar com o mundo, com o outro e, sobretudo comigo mesma, por consequência refletiu na construção deste projeto.

O processo de retorno foi uma forma de se conectar com memórias vividas, apropriadas e/ou herdadas pelo convívio familiar. Memórias essas, que tem como recorte principalmente a região norte e nordeste do país, e apresentam narrativas passadas de geração em geração como um legado que compreende desde o trabalho em roçados, a garimpagem na Serra

Pelada, a relação geográfica e afetiva com os rios, até as tensões da Guerrilha do Araguaia e a criação de um novo estado no Brasil.

Lembro da primeira vez que ouvi que meu avô materno esteve no garimpo da Serra Pelada por volta de 1982, em choque percebi como um episódio tão marcante na história brasileira estava inserido no meu universo familiar. Assim como, ouço dos meus pais dizendo que junto com minha avó e tias, escutavam os tiros dos “terroristas” durante a Guerrilha do Araguaia. Meus pais ainda crianças, testemunharam histórias de tortura e violência do movimento de luta armada que aconteceu entre 1972 e 1975 na fronteira entre Goiás e Pará.

Essa série de vivências ao serem contadas e recontadas demonstram conjunturas políticas, econômicas e sociais, mas também percepções e sensações individuais que ao serem compartilhadas ganham outras dimensões. Até porque, este trabalho fala sobre o que foi vivido e também sobre o que é recordado.

Vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo assim ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidades. O vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. (AMADO, p. 131, 1995)

Portanto, de acordo o autor a vivência é diferente do que é recordado. O ato rememorar é trazer o passado para o presente, o que ressignificar nossa relação com o presente e com o futuro. Esses conjuntos de memórias são ativadas a partir de objetos, símbolos, cheiros, sensações e sentimentos que compõe a nossa identidade.

O exercício da oralidade também constrói significados as experiências vividas, o processo de narrar uma história dá a ela diversas nuances, entonações e com isso, dá também individualidades. Por isso, o momento da escuta é tão importante quanto o da pesquisa, o de saber as datas de cada evento histórico que este trabalho perpassa. Aqui é o espaço do íntimo, do que é sentido ao me reencontrar com estes lugares.

Com isso, as memórias são ativadas dentro de um universo simbólico particular, elementos como a textura da parede verde, o movimento do rio, os rastros dos animais, a balsa, a receita da garrafada, as frutas, a feira, me remetem a um modo de vida, por vezes vivido, por vezes projetado.

O estado do Tocantins tem um papel central neste trabalho. Surgiu em 1988 junto com a promulgação da Constituição Federal do Brasil em vigor, como uma divisão do estado de

Goiás. E nesse espaço ao mesmo tempo do novo e do antigo, que grande parte da minha família, tanto paterna quanto materna se encontraram e ainda se encontram.

A divisão deste território, que aqui é entendido de acordo com a concepção de Haesbaert (2014) como espaço de disputa de poder, também está conectada aos processos de construção identitária. Assim, observar como a nova regionalização vai repercutir na vida da minha mãe, que nasceu em 1966, em Xambioá-Goiás, mas a partir de 1988 passa a ser tocantinense, vivendo o conflito gerado pela relação do território com o lugar como experiência de vida.

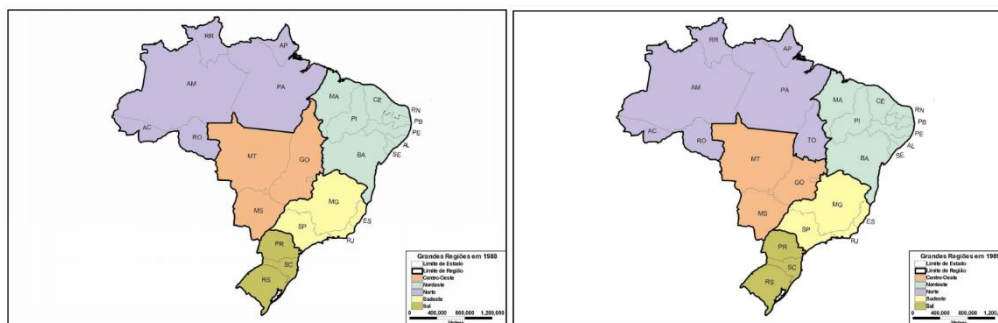


Figura 2 – Mapa do Brasil antes e depois do surgimento do Tocantins

A construção de uma nova fronteira é explorada no trabalho “Lagoa da Confusão: Wanderlândia” realizado pelo coletivo Trêma e que passa pelas 5 regiões do estado (centro, oeste, norte, sul e leste). Podemos observar as diversas perspectivas sobre a divisão do estado e sobre os conflitos que fazem parte da história da região. Para um dos entrevistados “*Na geografia é claro que muda, mas na vida não muda nada. É só uma divisão de estado. A gente simplesmente nasceu em um estado que hoje é outro.*” E para outros resta a dúvida: “*Quando eu voltei ainda era norte de Goiás, não era?*”

O impacto da divisão territorial é sentido de diferentes maneiras, por cada um que ai vive, mas não deixa de ser um processo coletivo. A percepção sobre um novo território promove alterações na forma que cada indivíduo o ocupa e se percebe neste novo lugar.

Outro ponto marcante são os rios, que são fronteiras naturais pontos de encontro e desencontros.

À fronteira “à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si (...)a um só tempo é o lugar de descoberta do outro, e de desencontro. O desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um (...). O desencontro nas fronteiras é o desencontro de temporalidades históricas.” A fronteira está, portanto, nos homens. (MARTIN, 1997, p.150)

Tanto o rio Araguaia quanto o rio Tocantins promovem o movimento de transitar entre as regiões do Maranhão, Pará e Tocantins. Essa travessia está para além do rio, mas também em atravessar fronteiras sociais e culturais que se misturam através de um núcleo familiar que percorreu e percorre diversas regiões, por isso, aqui o rio não é apenas uma fronteira geográfica, mas também um laço afetivo.

Essa afetividade está nos acampamentos de família, nos causos compartilhados, na pescaria, na lembrança de acordar tão cedo quanto o sol e antes de entrar no rio observar se não tem arraia na beira, no medo, mas também no respeito construído com as águas. Em andar de voadeira (embarcação pequena movida a motor) e do almoço do dia ser a pesca ou caça. É saber que a balsa, como a da figura 3, faz parte da viagem, que é uma passagem necessária e uma outra forma de olhar e viver o rio.

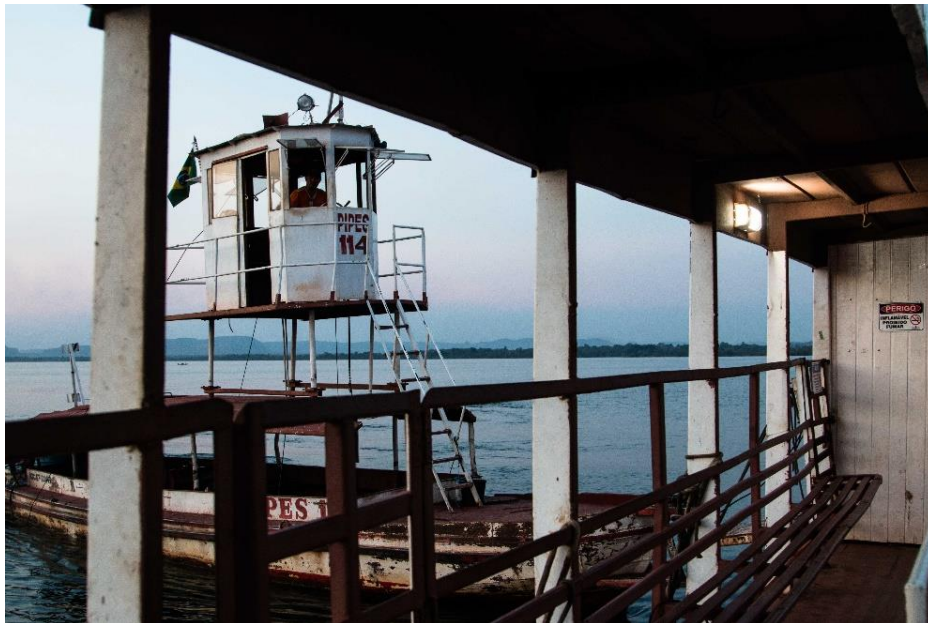


Figura 3 – Travessia, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

O compartilhamento de histórias e vivências de gerações que se atualizam, se reinventam, ganham novas versões e percepções faz com que os modos de vida preencham nossa memória afetiva, desde as tensões aos momentos de alegria. E o universo simbólico que se conecta com essa realidade tem em si diferentes paisagens, formatos, sentidos e movimentos.

2. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

A noção da fotografia documental se transformou ao longo dos anos e passou a contestar, cada vez mais os conceitos do fotojornalismo clássico e da fotografia como instrumento comprobatório e demonstrativo da realidade. Podemos observar como essa lógica de exigir que a fotografia tivesse um caráter indicial e denunciante é presente na produção da Farm Security Administration (FSA). Criada em 1937, foi um organismo dos Estados Unidos da América com o intuito de promover o desenvolvimento de áreas agrícolas durante a Grande Depressão.

Um grupo de fotógrafos acompanhou as atividades da FSA, a fim de documentar as ações do governo. Com a ampla divulgação das fotos, foi inegável o impacto das imagens na percepção do norte americano sobre as políticas da época, inclusive sobre sua própria identidade. O trabalho que tinha como objetivo documentar uma realidade colocou em questão as tensões entre um “registro fiel da realidade” e o repertório e concepção de mundo do próprio fotógrafo.

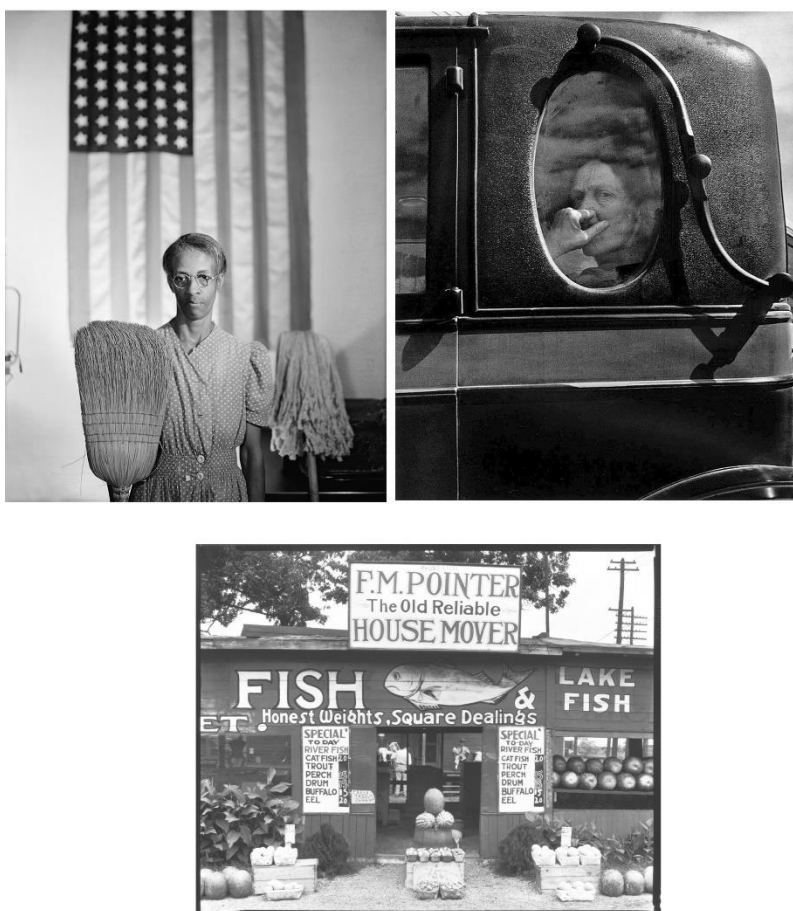


Figura 4 – Gordon Parks, Dorothea Lange, Walker Evans, FSA, 1937.

As crises da fotografia com os ideias de verdade, objetividade e credibilidade ficaram cada vez mais acirradas depois da Segunda Guerra Mundial com a descobertas de fotos montadas e cenários manipulados durante os conflitos. Durante a segunda metade do século XX, as produções começaram paulatinamente a colocar o fotógrafo com um papel produtor maior do que a própria técnica fotográfica.

Um trabalho marcante neste processo é o *The Americans* (1958) de Robert Frank que ao ganhar a bolsa John Simon Guggenheim Memorial Foundation viaja pelos EUA a fim de estudar uma civilização através das imagens. O livro traz uma narrativa poética, enquadramentos surpreendentes para época e um olhar que trabalha os conflitos ideológicos vigentes. Frank, apresenta a força da narrativa, da sequência de fotos contrapondo o ideal de foto única.



Figura 5 – Robert Frank, *The Americans*, 1958.

O livro *The Americans* sofreu diversas críticas e demorou de ser reconhecido como um trabalho fotográfico que trata de um recorte das diversas realidades norte americanas. De acordo com DOBAL(2012), a fotografia sempre teve em sua história possibilidades latentes de uso, de recurso estético e discursivo para além do realismo hegemônico, porém essas possibilidades foram abafadas por muito tempo pela necessidade de se legitimar a fotografia enquanto documento.

Aos poucos paradigmas como o momento decisivo, o flagrante, o instantâneo, a fidelidade ao fato perderam espaço para o simbólico, múltiplo e relativo. Como *Vestígios* trata de aspectos muito íntimos e familiares, faz todo sentido usar as concepções da fotografia contemporânea. Para expressar essa relação com o universo simbólico das memórias, cabe usar o que Entler (2006) chama de “fragmentos metonímicos da realidade”, ou seja, o uso de um termo para referir-se a outro.

Esse posicionamento fotográfico, permite que as imagens produzidas estejam cada vez menos presas ao referente, e cada vez mais, assumindo a presença da fotógrafa. Rouillé usa o conceito de fotografia-expressão e afirma que ela “não recusa totalmente a finalidade documental e propõe outras vias aparentemente indiretas de acesso às coisas, aos fatos e aos acontecimentos” (ROUILLÉ, 2009, p.161).

Portanto, ao se reportar as histórias tão ouvidas nas conversas do cotidiano, é possível criar uma narrativa própria, uma percepção sobre os lugares, os objetos e pessoas. Tendo como referência o trabalho *Rota Raiz* (2013) de Pedro David, que viaja em busca dos símbolos que fazem parte do seu imaginário familiar, podemos observar como a fotografia documental contemporânea nos permite expressar um mundo mítico.

Através de objetos, bichos, texturas David conduz o leitor a explorar as fotos para além da primeira impressão, é um convite para passear pelas imagens e entender ao que elas nos remete, ao que ela ativa em nosso repertório, como os exemplos da figura 6.

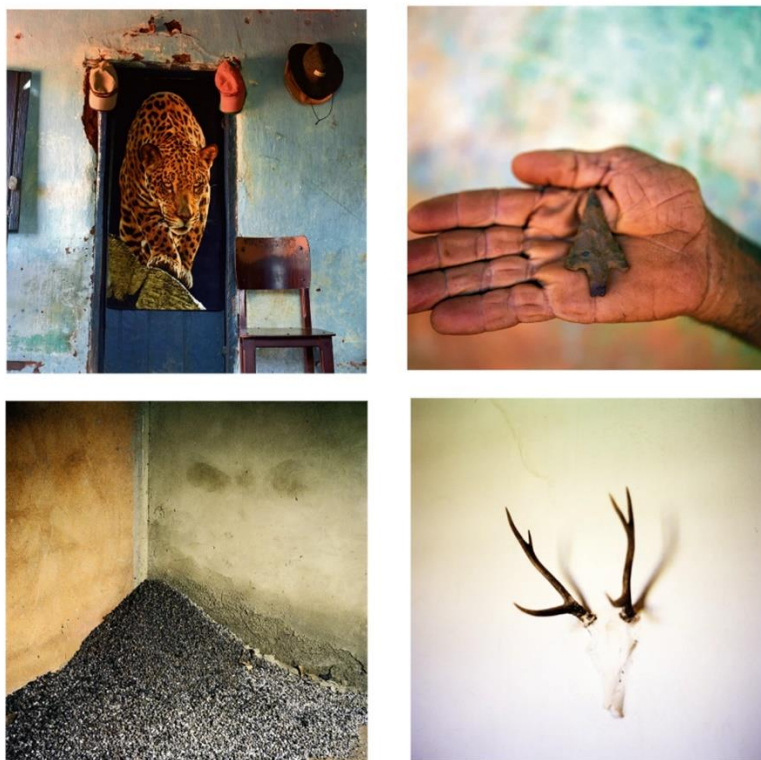


Figura 6 – Pedro David, Rota Raiz, 2003.

Nessa forma de compreender fotografia, estão abertas as portas do imaginário, do mundo polissêmico, da narrativa, da possibilidade poética e estética mais ampla. Permitindo a realização de trabalhos cada vez mais baseados nas vivências e repertório do fotógrafo, onde sentimentos, memórias, vivências e sensações ganham espaço e passam a dar força a esse novo caráter documental.

Na abordagem que estamos propondo, a fotografia pode ser entendida efetivamente como um elemento simbólico, mas onde pulsa uma suposta experiência originária de contato com o real, algo que se deseja recuperar e que, diante de sua impossibilidade, se abre para as projeções do imaginário. (ENTLER, 2006, p. 56).

Essa conexão com o universo do simbólico e imaginário, possibilita novas relações do fotógrafo com o espaço que ele ocupa e as narrativas construídas sobre os territórios. Quando a fotógrafa paraense, Elza Lima, apresenta em seu trabalho “Trombetas: nas rotas das águas” (1996) de forma poética os grupos quilombolas que vivem à margem do rio Trombetas. É possível perceber em suas escolhas estéticas aspectos que reforçam a relação dessas pessoas com o rio.



Figura 7 – Elza Lima, Trombetas: nas rotas das águas, 1996.

Assim como a fotógrafa Naiara Jinkss, também paraense, apresenta o Mercado Ver-o-Peso, no Belém do Pará, uma das maiores feiras ao ar livre da América Latina. Vejo a importância de contarmos com referências fotográficas do norte do Brasil, que expressem a diversidade e as particularidades deste território. Essas referências visuais flertam com uma postura fotográfica polissêmica e também com narrativas que aparecem em Vestígios.

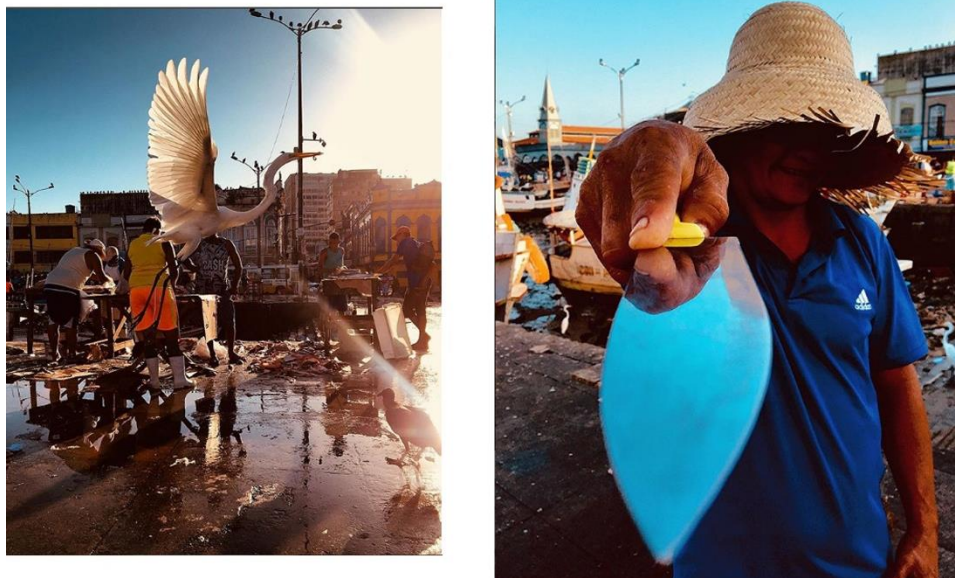


Figura 8 – Naiara Jinkss, Mercado Ver-o-peso, 2018.

Outra referência para o desenvolvimento de Vestígios, foi o produto fotográfico e audiovisual Lagoa da Confusão: Wanderlândia, que em 2005 foi realizado pelo coletivo Trêma, a fim de investigar as identidades possíveis no estado mais novo do país, o Tocantins. O trabalho já, citado no primeiro capítulo, nos apresenta personagens, paisagens, depoimentos dos nativos e aqueles que escolheram morar naquela região, como forma de tratar da diversidade, conflitos e a riqueza cultural encontradas naquele lugar.

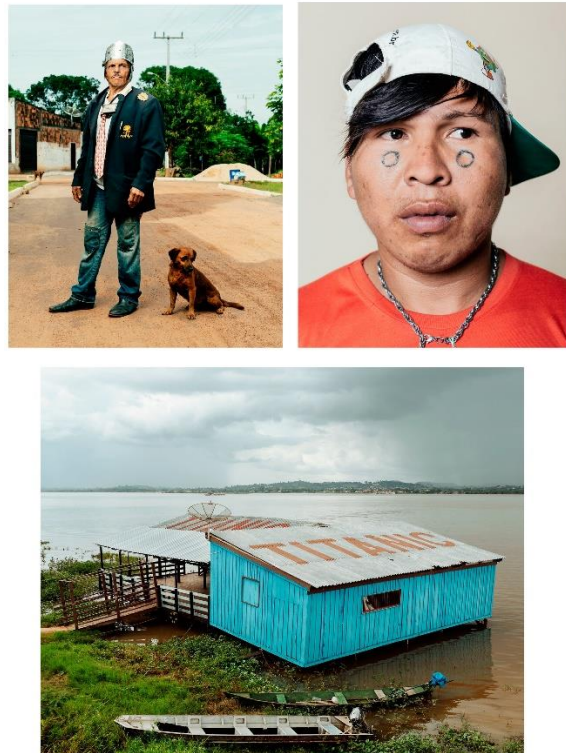


Figura 9 – Coletivo Trêma, Lagoa da Confusão: Wanderlândia, 2005.

Esses trabalhos e tantos outros como, Paisagem Submersas (2008) de Pedro Motta, os trabalhos imaginários de João Castilho, o projeto Sertanejo (2009) de Alexandre Severo, as fotografias de Nair Benedicto sobre povos indígenas, construíram uma gama de referências estéticas, possibilidades temáticas para a construção do argumento visual deste trabalho.

A narrativa de Vestígios foi construída em um recorte temporal, sensorial e que explora uma realidade construída a partir de experiências compartilhadas. Esse imaginário é o que orienta a produção fotográfica expressa os mais diversos sentimentos e sensações.

Em uma interpretação livre do conceito de Durand (2004), o imaginário orienta o trajeto antropológico do fotógrafo, que bebe de várias bacias semânticas em busca de armazenamento de dados para sua produção; em seguida, passa pelo escoamento, onde escolhe novas formas de trabalhar o conteúdo armazenado; organiza os rios, ordenando-os mentalmente; e daí estabelece o seu próprio lago de significados, deixando brotar seus desejos, angústias e aspirações antes de apertar o botão. (LIMA, 2010, p. 72-73)

2.1. A NARRATIVA

Vestígios só se constitui enquanto trabalho através da sequência de imagens produzidas. É um fotolivro por compreender a capacidade que este recurso tem de dar materialidade as narrativas. Ao unificar o trabalho do fotógrafo, do editor e design gráfico, o fotolivro narra histórias através da visualidade. A potencialidade desse produto, fez com que Badger, em artigo publicado na Revista ZUM, coloque em questão se a fotografia é uma arte seriada e/ou literária.

A questão, no entanto, é: será que a própria ideia de produzir obras de arte fotográfica singulares, únicas, não discrepa daquilo que constitui a verdadeira força desse meio de expressão? Em outras palavras, será que a fotografia é arte da mesma maneira que a pintura o é? Uma arte que, em teoria, se traduz na realização, numa única imagem, de tudo aquilo que o artista é capaz de fazer? Ou será a fotografia uma arte de outro tipo, uma arte seriada – como o filme ou o romance – cujo verdadeiro potencial só pode ser plenamente realizado mediante uma sequência de imagens? (BADGER, 2015)

Com isso, o fotolivro tem se tornado um instrumento de circulação da obra fotográfica mais efetivo que as exposições e galerias de arte. Além de atingir um público que nem sempre consumia fotografia, o que o torna, em certa medida, mais democrático.

Há também um questionamento conceitual entre o que é fotolivro e livro de artista. Leticia Lampert em *Fotolivro ou livro de artista? Eis a questão* (2015), mostra como as duas denominações tem pontos em comum e divergentes, mas que o a diferencia de fato são o histórico e referenciais teóricos. “Quem vem da arte, chamará a obra de livro de artista, quem vem da fotografia, de fotolivro. Alguns se tornarão tão fronteiriços que talvez seja difícil estabelecer qualquer denominação.” (LAMPERT, 2015).

Neste sentido, Vestígios tem como objetivo expressar memórias familiares através da narrativa conduzida pelos rios e travessias. Ele usa da liberdade criativa e da capacidade estética do fotolivro para promover sensações e levar o leitor a um espaço mítico.

2.2. VESTÍGIOS

O nome Vestígios tem como sinônimos rastros, marcas, sinais. São os rastros dos bichos, as marcas e sinais do tempo na parede, nas minhas lembranças, na minha avó e tia retratadas. São os ensinamentos passados de geração a geração que se modificam e ganham novos formatos.

Vestígios é todo o processo de dar materialidade as memórias, construir novas e também está intimamente ligado ao posicionamento fotográfico adotado pelo trabalho. Pois,

para o autor francês François Soulages a própria imagem pode ser considerada um vestígio capaz de ativar o inconsciente.

Soulages defende que fotos são objetos enigmáticos, pois habitam nossa imaginação e nosso imaginário. Se a fotografia for assumida como um “vestígio” para percepção, então cabe ao receptor elaborar as conexões entre o passado e o presente, o antes e o depois, o efêmero e o permanente (FERNANDES, 2010).

Essa perspectiva defendida por François Soulages, reforça as discussões sobre o realismo na fotografia. Ao levar as imagens para o campo da semiologia, filosofia e psicanálise ele demonstra o quanto a estética e recepção da fotografia ainda podem ser exploradas. Com o conceito de fotograficidade ele aponta para “o que é fotográfico na fotografia” e a importância de estudar a fotografia enquanto estética em suas diversas metonímias, escolhas de enquadramento, cores e possibilidades.

Os vestígios encontrados nas imagens são também marcas de uma escolha temporal, uma escolha caracterizada pelo que Soulages chama de o irreversível e o inacabado. “Irreversível porque ela mostra algo que não ocorrerá outra vez: o negativo se transformou em imagem e a matriz digital foi criada. Inacabável porque posso continuar a fazer imagens a partir disso.” (SOULAGES, 2017).

Por fim, o nome deste trabalho articula um pensamento fotográfico com as memórias que aparecem como lampejos em cada lugar vivido, com o movimento da água que deixa marcas na areia, com a fluidez dos rios, com os traços dos mapas que demarcam lugares. As escolhas narrativas foram feitas para proporcionar ao leitor uma viagem a minha realidade.

3. PRODUTO FINAL

Contar e descobrir a história da minha família sempre foi uma demanda existente para mim, então vi no trabalho de conclusão de curso a possibilidade de realizar tal projeto. É válido esclarecer que Vestígios não começou na viagem de agora, mas nas conversas diárias, nas experiências compartilhadas desde a infância. Começou com meus pais apresentando o passado deles para mim, em outro tempo, em outro espaço que sempre me pareceu instigante.

Cada história contada me transportava a um mundo novo e como forma de me aproximar dele, passei a fazer o exercício de entrelaçar as histórias contadas por eles aos seus lugares de origem. E o percurso foi: Carolina no Maranhão, os rios Tocantins e Araguaia (os dois rios mais importantes da região), as cidades de Araguaína, Araguaã e Xambioá no Tocantins.

É importante falar que meu pai teve um papel fundamental na viagem, ao compartilhar esse momento comigo ele me reapresentou, recontou e relembrou vivências nos mais diversos lugares que passamos. Carolina é onde meu pai nasceu e é marcado por um tempo de muitas transições, após ter morado em Araguaã (Goiás) e São Geraldo (Pará), retornou a sua terra natal, com mais ou menos 12 anos, entre as várias casa que morou, está a da figura 10, que se mantém no mesmo formato, sem novos habitantes e com as marcas do tempo.

Ai ele viveu parte da infância e adolescência e desde sempre trabalhava. Durante a viagem me mostrou os caminhos que pegava para ir trabalhar, para ir à escola e ainda para ir as cachoeiras. Olhou o rio Tocantins e apontou as mudanças ocorridas na sua travessia, momento já esperado da viagem. Ver a balsa me faz lembrar de como a viagem sempre passa por um rio, ele está presente como meio de transporte (figura 11), como o brincar das crianças (figura 12) e também sobre como enxergamos as águas em diferentes perspectivas. A travessia é um ritual.



Figura 10 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.



Figura 11 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.



Figura 12 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

Depois de dois dias de viagem, nos preparamos para ir para Araguaianã, município do TO, fronteira com o Pará. Lá fomos para uma das diversas ilhotas banhadas pelo rio Araguaia, durante três dias foi o momento de reviver os acampamentos da infância da beira rio, de se reconectar com elementos como o peixe, a caça, os rastros dos bichos, o cheiro das plantas, o sabor da comida feita no fogão a lenha e o rio. A casa de madeira entre tantas árvores consegue ser tão acolhedora quanto à casa de minha tia em Araguaianã. Houve uma riqueza de elementos que foram ativadores de lembranças e passaram a construir novas memórias.



Figura 13 – Gabrielle Guido, Ninho de tracajá, Vestígios, 2018; Figura 14 – Gabrielle Guido, A casa, Vestígios, 2018; Figura 15 – Gabrielle Guido, Onça, Vestígios, 2018; Figura 16 – Gabrielle Guido, a cozinha, Vestígios, 2018;

Na voadeira, pilotada por minha tia Neusinete e sua comadre, Zefa, seguimos rio Araguaia a cima, rio este que para muitos é um espaço afetivo desde as relações de trabalho ao de lazer no verão. O rio é o traço que vemos no mapa que divide os estados do Tocantins e Pará, ao navegar silenciosamente vi as ilhas, os pedrais (figura 17) e a única grande intervenção humana é a torre da Usina Hidrelétrica de Tucuruí-Pará, localizada no município de mesmo nome, e que abastece grande parte da região. (figura 18).



Figura 17 – Pedral, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.



Figura 18 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

O rio nos leva a um mundo de sensações, ao mergulhar observamos a natureza sob outra perspectiva, o céu que percebemos tão azul quanto a água, o arder leve dos olhos e o banzeiro que movimentava o corpo submerso (figura 19).

A região de Xambioá e São Geraldo foram uma das mais afetadas pela Guerrilha do Araguaia e tanto meu pai quanto minha mãe vivenciaram este episódio em suas infâncias. Portanto, senti a necessidade de falar sobre, mas ao chegar em Xambioá, visitei um museu que nunca terminou de ser construído, as pessoas falavam vagamente que os militares ainda estão lá procurando corpos deste tempo, outros sentiam raiva, outros medo. Parece ainda um assunto pendente e truncado na história de quem ainda vive ali.

Por fim, a estadia mais longa foi em Araguaína, cidade onde minha avó materna, Maura Vilas Boas, e minha tia paterna, Neuzina Pinheiro Costa, moram e junto com demais parentes formam o meu núcleo familiar. Lá os laços são mais subjetivos, afetivos e construídos a partir de aspectos associados a minha infância. A parede, as plantas, a venda do leite, o buriti, são exemplos que tecem cores, sabores e sensações presentes na minha memória.

Vale ressaltar, que quando falei da viagem com o objetivo de realizar o projeto criou-se um certo frisson, o que fez com que minha família compartilhasse ainda mais detalhes de suas infâncias e percepções sobre o próprio cotidiano. Minha tia Neuzina que vende leite na porta de casa, fica sentada na cadeira de macarrão, brincando com sua cachorrinha Lolita, me mostrou as plantas, falou do tempo que vender leite era mais fácil, da saudade que tinha dos seus alunos, me deu fotos antigas, monóculos e falou de meu avô, seu Arlindo.



Figura 21 – Neuzina, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

Já tia Edilia, irmã de minha mãe, me levou no mercado municipal, me apresentou novas ervas e com a receita da garrafada para engravidar em mãos me levou para fotografar os ingredientes. Lembro que a mais ou menos quatro anos atrás, uma amiga da família que mora em Salvador, pediu para aproveitarmos nossa ida para Araguaína para comprar os ingredientes da garrafada, ela estava perto dos 40 anos, mas ainda queria ter um filho. E minha tia e minha mãe compraram tudo, trouxemos para Salvador. Deu certo, hoje o menino tem 3 anos, é forte e saudável.

Nunca me esqueci do poder que essa garrafada tem, pesquisei mais sobre os ingredientes e descobri que o leite de mucuíba e a sangra d'agua já estão sendo incorporados na medicina tradicional. Os dois tem como função limpar as impurezas do sangue e do útero, deixando-o mais saudável e, assim, mais propício a gravidez.

Ainda em Araguaína, minha avó Maura, revirou os seus arquivos e me deu a oportunidade de ilustrar fatos significativos para a família, como o garimpo da Serra Pela. Na figura 22 vemos a foto de autor desconhecido, encontrada em um monóculo guardado com todo cuidado por minha avó, “esse pedacinho de filme tem muita história, minha santa”, ela me disse ao me entregar.

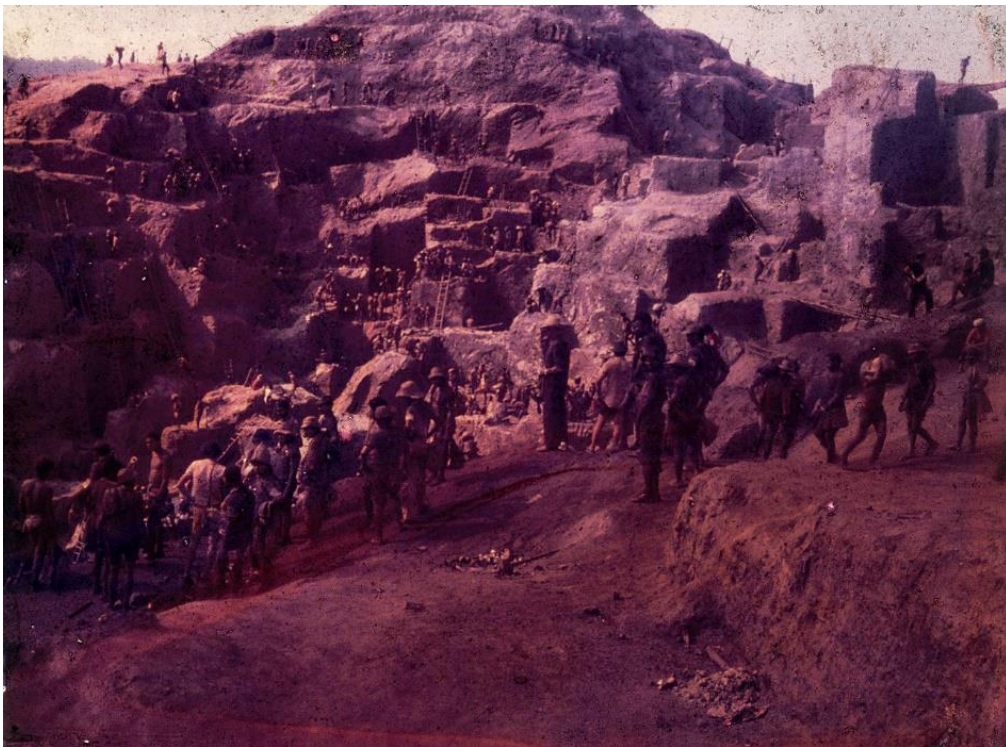


Figura 22 – Serra Pelada, Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

Ao trabalhar com as documentações vi nas certidões de nascimento de minha mãe, a primeira de Xambioá-Goiás e uma outra, emitida como segunda via, que consta Xambioá-Tocantins (figura 23), a possibilidade de tratar não apenas a divisão estadual, mas também, um conflito identitário, colocando em xeque o pertencimento de quem nasceu antes do próprio estado, que se tornou o lugar de sua origem.



Figura 23 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

3.1 ESCOLHAS NARRATIVAS

A construção narrativa foi baseada em três aspectos principais: primeiro a memória, que é revivida como flashes e nem sempre segue ordem cronológica e/ou geográfica, por isso as imagens surgem a partir dos símbolos que elas se relacionam. A página da figura 24 é um exemplo, o verde das árvores refletido no espelho da casa em Araganã me levou ao verde da casa de minha tia em Araguaína, lugar onde me sinto acolhida e de fato em um lar.



Figura 24 – Gabrielle Guido, Vestígios, 2018.

Em segundo, na séries temáticas de cada lugar que é demonstrada com os mapas (figura 25) que destacam os rios como condutores da viagem e das memórias. Eles apontam os trajetos e municípios que passei durante a realização do trabalho.



Figura 25 – Vic Zacconi, Vestígios, 2018.

Eles foram impressos em papel vegetal a fim de apresentar o mapa com os elementos de cada lugar, construindo a ideia de pertencimento (figura 26). Por fim, foi usada uma sequência cromática entre as imagens para que a fruição seja leve e harmônica.



Figura 26 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.

O projeto gráfico foi feito de forma compartilhada com Geovana Côrtes, fotógrafa e também graduanda em Comunicação e Produção Cultural com experiência em diagramação de projetos fotográficos.

A capa do livro foi impressa em papel opaline 120g/m, laminada com adesivo fosco. Em seguida, empastada em papelão de 1,5mm. As páginas internas foram impressas no papel offset com 150 de gramatura e os mapas em papel vegetal que tem o efeito de transparência. As fotos foram realizadas entre os dias 13 e 25 de setembro de 2018 com uma câmera DSLR da Canon 70D lentes 40mm e 24-105mm e uma Nikon subaquática.



Figura 27 – Capa e fundo do livro Vestígios, 2018.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fotolivro Vestígios foi minha primeira experiência com o desenvolvimento de um trabalho documental contemporâneo de maneira completa, do planejamento ao produto final. Percebo que ele se tornou um primeiro passo para explorar cada vez mais a relação entre fotografia, memória e território, tanto nos meus estudos acadêmicos, quanto nas minhas experimentações fotográficas.

A viagem só aconteceu depois de uma longa etapa de planejamento. Mas, depois de analisar, editar e diagramar o material produzido percebi que outras histórias, objetos e elementos podem ser agregados a esta narrativa. Vestígios é uma primeira versão que continuará sendo construída durante minha carreira enquanto fotógrafa.

A realização do projeto foi também um processo de conexão familiar, de pausar o tempo para ouvir. Viajar com o objetivo de criar um produto fotográfico muda as relações, intenções e formas de estar no ambiente, e isso foi extremamente proveitoso, permitiu o fortalecimento de certos vínculos e a construção de novos. Foi uma oportunidade de mergulhar nas histórias e de torná-las visuais, de suprir uma necessidade de falar sobre a diversidade que me cerca.

É importante dizer que Vestígios trata de vivências que cruzam gerações, valoriza o processo de conhecimento das próprias narrativas, muitas vezes inviabilizadas, não contadas ou até mesmo não escutadas. Portanto, ele é um convite para que o leitor se conecte não só com a minha, mas com sua própria história. Até porque nossas vidas e memórias são forjadas pelas experiências individuais e coletivas.

Além de dar continuação ao projeto acredito que ele possa estar em outros espaços como festivais de fotografia, participar de editais, leituras de portfólio etc, para alcançar outros públicos e sempre que possível, colocar em questão os processos de construção identitária e a importância de valorizar e preservar nossas memórias.

5. REFEREÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral.** História, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

DAVID, Pedro. **Rota Raiz.** Belo Horizonte: Editora Tempo d'Imagem, 2013.

DOBAL, Susana. **Sete sintomas de transformação da fotografia documental.** Ícone, v. 14, n. 1, 2012.

DUARTE, Keller Regina Viotto. **A fotografia como arte contemporânea.** *Revista Trama Interdisciplinar* 2.1 (2011).

ENTLER, Ronaldo. **Testemunhos silenciosos: uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea.** ARS (São Paulo) 4.8 (2006): 36-51.

GERALDA DE ALMEIDA, Maria. **Fronteiras, territórios e territorialidades.** 2005. 12 f. Artigo (mestranda)- Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2005. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617/3616>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

HAESBAERT, Rogério. Por uma constelação geográfica de conceitos. In: HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: Território e multi/territorialidade em tempos de insegurança e contenção.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. cap. 1, p. 19-51. v. 1.

IMEDIATA, História. Editora Alfa-Omega. São Paulo. Nº 1. Agosto de 1978. **A Guerrilha do Araguaia.** Broch. Ilustrada.

LIMA, Elza. **Trombetas: na rota das águas.** Disponível em: <<http://www.elzalima.com.br/f-tro.html>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea.** *Discursos Fotográficos* 4.4 (2008): 35-58.

MEDEIROS, Beatriz. **MULHERES QUE FOTOGRAFAM: NAIARA JINKNSS: A paraense que faz de Belém sua modelo favorita.** 2018. Disponível em: <<https://ihateflash.net/zine/mulheres-que-fotografam-naiara-jinknss>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MELLO, Ioana. **Farm Security Administration.** 2017. Disponível em: <<https://subversos.com.br/tag/farm-security-administration/>>. Acesso em: 23 nov. 2018

MEMÓRIA e Identidade Social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

SANKOFA. 1. 2016. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content_link=6>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SANTOS, Ana Carolina Lima. **A fotografia entre documento e expressão: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer.** *ENCONTRO DA COMPÓS* 19 (2010).

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PEDRO, Motta; JOÃO, Castilho; PEDRO, David. **Paisagem Submersa**. São Paulo: Cosac Naif, 2008. 204 p.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

ZORZAL, Bruno; MENOTTI, Gabriel. **Entrevista: o filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital**. 2017. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

6. ANEXOS

6.1. RECEITA PARA ENGRAVIDAR

Ingredientes:

- 1 garrafa de vinho branco
- 2 vidros de leite de mucuíba
- 2 vidros de sangra d'água

Modo de preparo:

Junte todos os ingredientes e agite bem em outro litro de vidro, não pode ser litro de plástico nunca jamais. Faça essa mistura num dia e já pode beber no dia seguinte.

Modo de tomar:

Beba de 2 a 3 colheres de sopa por dia

Obs.:

- Pode tomar os dois, a mulher e o homem (casal);
- Não pode ser guardado na geladeira
- Encontra os ingredientes no mercado municipal, menos o vinho
- Mulheres que desejam engravidar podem complementar essa garrafada tomando cápsulas ou pílulas de amora também.

6.2. O PRODUTO IMPRESSO



Figura 28 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.



Figura 28 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.



Figura 29 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.



Figura 30 – Páginas internas do livro Vestígios, 2018.